

1

Introdução

O principal objetivo desta dissertação é contribuir para o debate sobre a internacionalização de pequenas e médias empresas, destacando um tipo peculiar de empresas desta categoria, as empresas incubadas de base tecnológica.

1.1. Questão da pesquisa

Esse projeto enfatiza duas questões principais:

- I) Como se caracteriza o processo de internacionalização de empresas de base tecnológica que passaram por um processo de incubação?
- II) Qual a relevância do processo de incubação na trajetória de internacionalização dessas empresas?

1.2. Objetivo da pesquisa

Esta dissertação tem como objetivo principal analisar como se caracteriza o processo de internacionalização de empresas de base tecnológica que passaram por um processo de incubação, buscando identificar, também, a relevância desse período de incubação para o processo de internacionalização dessas empresas.

Para atingir esse objetivo principal, foram colocados alguns objetivos secundários deverão ser observados, tais como:

1. Identificar quais as motivações que levaram ao mercado externo;
2. Identificar o processo de seleção do mercado-alvo;
3. Identificar o modo de entrada escolhido;
4. Identificar a postura da empresa frente ao risco da internacionalização;
5. Identificar a velocidade do processo de internacionalização;

6. Verificar quais teorias sobre internacionalização de empresas (Modelo de Internacionalização de Uppsala, Modelo de Redes, Empreendedorismo Internacional e Born Global) melhor descreve e explica o processo de internacionalização do perfil de empresas escolhido para esta pesquisa;
7. Identificar os fatores críticos para internacionalização que podem estar ligados ao processo de incubação;
8. Com base nos fatores identificados anteriormente, tentar compreender a influência do período de incubação no processo de internacionalização.

1.3.

Relevância da pesquisa

O avanço do processo de globalização tornou os mercados mais competitivos e interdependentes. As mudanças tecnológicas acontecem, cada vez mais, em um ritmo rápido e continuado. Tais mudanças tanto criaram novas oportunidades para empreendedores quanto trouxeram ameaças competitivas em seus mercados domésticos (KNIGHT, MADSEN E SERVAIS, 2004).

Na última década, a importância das pequenas empresas, em particular daquelas que apresentam fortes características tecnológicas, foi devidamente reconhecida como um segmento específico da economia capaz de gerar empregos e renda. As pequenas empresas incubadas de base tecnológica trazem importantes contribuições para o conjunto da economia, desenvolvem uma atividade inovadora importante e, conseqüentemente, participam ativamente do processo de mudança tecnológica. Além disso, funcionam como mecanismo de renovação do tecido industrial; estruturam nichos de mercado e são responsáveis por um grande número de empregos.

As limitações que as empresas de base tecnológica enfrentam no início de suas atividades são muitas. Elas variam da escassez de recursos financeiros à dificuldade de inserção de produtos altamente inovadores no mercado, permeando todas as atividades necessárias à geração de inovações tecnológicas. A opção por iniciarem suas atividades em ambientes "protegidos" como das incubadoras de empresas está relacionada à perspectiva de minimização dessas dificuldades (LEMO & MACULAN, 1998). Por isso, cada vez mais, as incubadoras desenvolvem processos de aprendizado no atendimento às necessidades das

empresas, buscando novas soluções para reduzir custos, incentivar o controle de qualidade e a melhoria contínua, ou seja, parâmetros oriundos do mundo empresarial.

Empreendedorismo no Brasil

A relação entre o termo empreendedorismo e a produção industrial foi formalmente reconhecida por Alfred Marshall, em 1890, em seu livro *Princípios da Economia*. Marshall acreditava que o empreendedorismo era o fator que impulsiona a organização. Com criatividade organizacional, os empreendedores criam produtos novos ou melhoram um plano para produzir uma *commodity* (MARSHALL, 1994).

Para se obter sucesso, Marshall acreditava que os empreendedores devem ter uma compreensão completa sobre suas indústrias e devem ser líderes naturais. Adicionalmente, os empreendedores definidos por Marshall devem ter a habilidade de prever mudanças na oferta e na demanda devendo estar sempre dispostos a agir com base em tais previsões mesmo sob risco, ou na ausência completa de informações (MARSHALL, 1994). Esse autor sugere, ainda, que as habilidades do empreendedor são habilidades especiais e afirma que as pessoas podem ser ensinadas a adquirir as habilidades que são necessárias para ser um empreendedor, mas infelizmente, as oportunidades para empreendedores são limitadas freqüentemente pelo ambiente econômico que os cerca. (MARSHALL, 1994).

No caso brasileiro, o empreendedorismo começou a ganhar força a partir dos anos 90, por causa do cenário econômico turbulento que se configurou nesta década. A imposição advinda do fenômeno da globalização levou grandes empresas brasileiras a procurar alternativas para aumentar sua competitividade, reduzir custos e manter-se no mercado. Sem alternativas, ex-funcionários dessas empresas, que se viam de uma hora para outra sem emprego, logo começaram a criar novos negócios. Além dessa hipótese, há também aquela que considera a motivação da nova economia surgida na década de 90, impulsionada pela popularização da internet. E, além dessas motivações, no cenário de empreendedorismo nacional, também devem ser considerados os que herdaram negócios já estruturados da família e dão continuidade a empresas criadas há décadas (DORNELAS, 2001).

O movimento do empreendedorismo no Brasil começou a tomar forma na década de 90, quando entidades como o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) foram criadas. O SEBRAE é um dos órgãos mais conhecidos do empreendedor brasileiro. Essa entidade busca oferecer todo o suporte que o pequeno empresário precisa para iniciar sua empresa, além de consultorias para ajudar o empreendedor a aprimorar seu negócio. Já a entidade Softex foi criada com o intuito de levar as empresas de software do país ao mercado externo, por meio de várias ações que proporcionavam ao empresário da área de tecnologia capacitação em gestão.

Assim, segundo Dornelas (2001), foi com os programas criados no âmbito da Softex em todo país, junto às incubadoras de empresas e universidades, que o tema empreendedorismo começou a ganhar espaço na sociedade brasileira. Após 20 anos do surgimento do debate sobre empreendedorismo no Brasil, pode-se afirmar que, atualmente, o país possui um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo em todo mundo, comparável apenas com os Estados Unidos (DORNELAS, 2001). Seguem alguns exemplos desse esforço do país para o aprimoramento e o fortalecimento do empreendedorismo:

- 1 – Programas Softex e GENESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviços), que apóiam atividades de empreendedorismo em software, estimulando o ensino das disciplinas em universidades e a geração de novas empresas de *software*, (as chamadas *start-ups*.)
- 2 – Ações voltadas à capacitação do empreendedor, como os programas EMPRETEC e Jovem Empreendedor do SEBRAE. E, ainda, o programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, dirigido à capacitação de mais de 1 milhão de empreendedores em todo país e destinando recursos financeiros a esses empreendedores.
- 3 – Diversos cursos e programas criados nas universidades brasileiras para o ensino do empreendedorismo.
- 4 – O enorme crescimento do movimento das incubadoras de empresas do país, que pode ser evidenciado pelos dados da ANPROTEC - Associação Nacional das Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologia – que mostram que, em 2000, já havia mais de 135

incubadoras de empresas no país, sem considerar as incubadoras de empresas de internet, totalizando mais de 1.100 empresas incubadas, que geravam mais de 5.200 empregos diretos.¹

O cenário surgido a partir da década de 1990 vem se intensificando cada vez mais. Para Dornelas (2001), o momento atual pode ser chamado de “a Era do Empreendedorismo” (p.21). Para o autor, são os empreendedores que estão eliminando as barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos e gerando riqueza para a sociedade.

No que concerne à internacionalização, o atual panorama do empreendedorismo atual no Brasil, fornecido pelo *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM²), mostra que os vencedores no mercado global têm sido empreendedores que conseguem aliar respostas precisas e rápidas à capacidade de inovação para criação de produtos, além de apresentar capacidades gerenciais para coordenar e redefinir as competências internas e externas.

Com o objetivo de apoiar e incentivar os futuros empreendedores, especialmente aqueles oriundos do meio universitário, surgiram as incubadoras, que são ambientes dotados de capacidade técnica, gerencial, administrativa e infra-estrutura para amparar o pequeno empreendedor. Elas apóiam a transformação de empresas potenciais em empresas crescentes e lucrativas, disponibilizam espaço apropriado e condições efetivas, tais como serviços de apoio financeiro, marketing e administração, abrigando negócios nascentes, de pequeno porte, mas com grande potencial de inovação (ARANHA 2008).

O papel fundamental desempenhado por essas facilitadoras de novos empreendimentos é o de sustentar e promover a sobrevivência de inovações tecnológicas, serviços e produtos, como forma de apoiar o desenvolvimento local e regional, por serem agentes geradores de mecanismos para o desenvolvimento das empresas residentes e sua consolidação no mercado. Dos programas de incubadoras, saem, em geral, novos empresários competitivos (ARANHA 2008).

¹www.anprotec.com.br e www.sebrae.com.br, acesso janeiro de 2010.

²Considerado como a mais abrangente pesquisa sobre empreendedorismo no mundo, o **Global Entrepreneurship Monitor - GEM** é executado no Brasil, desde o ano 2000, pelo Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade – IBQP.

O papel das incubadoras tecnológicas no Brasil

No site da ANPROTEC, uma incubadora é definida como:

“mecanismo que estimula a criação e o desenvolvimento de micro e pequenas empresas industriais ou de prestação de serviços, empresas de base tecnológica ou de manufaturas leves, por meio da formação complementar do empreendedor em seus aspectos técnicos e gerenciais”.

No Brasil, durante muito tempo, o desenvolvimento tecnológico sustentou-se por meio da importação de tecnologias e a universidade dedicava-se, apenas, à formação de recursos humanos. Mas, com a abertura do mercado e o acirramento da concorrência internacional, a indústria brasileira desperta para a necessidade de aproximação com as universidades e, nesse cenário, diversos centros de pesquisa surgem como alternativa de posicionamento competitivo no mercado nacional e internacional (ARANHA, 2008).

Atualmente, esforços vêm sendo realizados para criar instrumentos a fim de fortalecer a cooperação entre universidades, centros de pesquisa e empresas, contribuindo para a formação de empreendedores inovadores e estimulando o desenvolvimento tecnológico. As principais universidades do país e centros de pesquisa têm buscado a interação com as empresas, desenvolvendo ações voltadas para a transferência de conhecimento e projetos cooperativos de desenvolvimento de novas tecnologias. Percebe-se uma mudança de atitude no padrão de interação universidade/empresa. Hoje, ambos os setores buscam maior aproximação, visando atingir benefícios mútuos (ARANHA, 2008).

A tese da hélice tríplice é a de que a interação universidade – empresa – governo seria a chave para melhorar as condições de inovação na sociedade baseada no conhecimento (ETZKOWITZ e LEYDESDORFF, 2000).

A incubadora é um exemplo do modelo de hélice tríplice de relações universidade–empresa–governo, considerada organização híbrida, que aborda o relacionamento entre as três esferas, estimulando e criando um espaço de interação. No Brasil, o movimento de incubadoras proporcionou proximidade entre os centros de pesquisa e o mercado. Por oferecerem estrutura física, acesso a informações, formação de redes de contato e outros benefícios, elas contribuem imensamente para o desenvolvimento de novos negócios, além de servirem como vitrines para novos investidores (ARANHA, 2008).

A expansão do empreendedorismo nacional, hoje, não se restringe às empresas de base tecnológica. No Brasil, já existem incubadoras de cooperativas, culturais, sociais e de serviços. Elas incentivam as pessoas a desenvolverem seus empreendimentos e constituem fator impulsionador do esperado empreendedorismo. A ANPROTEC tem desempenhado o papel de criar mecanismos de apoio às incubadoras e parques tecnológicos. Destacam-se, nesse sentido, ações realizadas em conjunto com o SEBRAE, com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e com o Instituto Euvaldo Lodi (IEL), as quais têm estimulado a criação de políticas públicas benéficas ao desenvolvimento do empreendedorismo (ARANHA, 2008).

Outro exemplo de movimento empreendedor no país é o Fórum Permanente das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte que oferece um comitê temático específico sobre Tecnologia e Inovação, entre outros. A estrutura de apoio ao empreendedorismo no Brasil está baseada, principalmente, nas incubadoras de empresas e no apoio de organizações ligadas ao sistema da Confederação Nacional da Indústria (CNI), em particular o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o IEL e o SEBRAE. Essas instituições estão em todo o território nacional e podem tornar-se agentes difusores e capacitadores de pessoas para iniciarem novos negócios.

Neste cenário, pode-se destacar, no Estado do Rio de Janeiro, o papel da incubadora tecnológica da PUC-Rio – Incubadora tecnolôgioca Gênesis – que oferece apoio para a geração de novos empreendimentos. Seu objetivo é apoiar as empresas de base tecnológica que apresentem inovação em seu processo ou produto. O apoio recebido pelas empresas incubadas consiste na infra-estrutura física e administrativa, e, principalmente, nos serviços prestados pelas unidades operacionais (assessoria de comunicação, assessoria jurídica, treinamentos e consultoria gerencial). Os serviços permitem a redução de custos e o alcance dos resultados por meio do trabalho conjunto entre empresas e unidades. Além disso, as empresas beneficiam-se com a proximidade dos centros de pesquisa da Universidade, a possibilidade de *networking* com as demais e com incentivos fiscais.

Diante desse contexto, entender o processo de internacionalização das empresas incubadas de base tecnológica e o impacto do período de incubação nesse processo trará benefícios não só para as empresas, como também para as incubadoras. Para as incubadoras, porque os resultados desta pesquisa poderão servir para avaliarem seus processos e aprimorarem os serviços e benefícios ofertados às empresas. Para as empresas, porque poderá ajudar a compreenderem melhor o processo e, assim, melhorar e fortalecer sua atuação no mercado exterior

1.4. Organização do estudo

A partir desta introdução, o presente trabalho está organizado da seguinte forma:

O capítulo 2 reúne as principais teorias comportamentais que buscam explicar o processo de internacionalização. A base conceitual contida na revisão de literatura servirá como base para posterior análise das empresas entrevistadas.

No capítulo 3 está descrito o referencial teórico, que inclui a definição das categorias de análise que serviram como base para compreender o processo de internacionalização das empresas.

No capítulo 4 se encontra a descrição das entrevistas com os especialistas, que serviram como base para a seleção das categorias de análise da relevância do processo de incubação.

No capítulo 5 está descrita a metodologia utilizada, discriminando as etapas percorridas na realização da pesquisa.

O capítulo 6 traz uma descrição das empresas entrevistadas e, também, uma descrição sobre a incubadora tecnológica da PUC Rio.

No capítulo 7 encontram-se as análises das empresas interpretadas à luz das teorias e conceitos mencionados na revisão de literatura e no referencial teórico.

Para finalizar, no capítulo 8, estão apresentadas as conclusões desta pesquisa, assim como, sugestões de questões relevantes para futuros estudos.